

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DESVENDANDO OS LAÇOS ENTRE A UNIVERSIDADE E A ESCOLA.

ERIKA DOS SANTOS GILLMEISTER BONOW¹; RICHÉLE TIMM DOS PASSOS DA SILVA².

¹Universidade Federal de Pelotas – gillmeistererika@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – richelertps@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de preparar estudantes universitários para a sala de aula e atender às necessidades dos professores da rede básica, a Pró-reitoria de Ensino criou o Programa Escolas Protagonistas. Entre os projetos participantes está o *Elos e Laços na formação docente: inter-relações com o Programa Escolas Protagonistas*, coordenado pela professora Richéle Timm dos Passos da Silva da UFPel. Esse projeto auxilia alunos de Canguçu que estudam na UFPel, oferecendo-lhes carga horária e a oportunidade de atuar em sua cidade. Assim, o *Elos e Laços* aproxima as duas comunidades, permitindo que os estudantes, ao estarem na sala de aula, aprendam a “colocar-se no lugar do aluno e entender o significado da experiência em termos de aprendizado” (DARLING-HAMMOND, 2015, p. 239).

A participação no projeto proporciona uma experiência de aprendizado e trocas entre alunos, professores e orientadores, além de fortalecer a conexão entre a formação docente e a escola. Nesse contexto, “realça-se o papel social da universidade, bem como a relevância social do ensino e da pesquisa” (GADOTTI, 2017, p. 4).

Projetos de formação de professores são essenciais tanto para a universidade quanto para a rede básica, que necessita de docentes com uma nova perspectiva. O projeto *Elos e Laços* oferece oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional, impactando de forma formativa a vida dos discentes.

2. METODOLOGIA

Iniciei no projeto *Elos e Laços* em 2023 como voluntária e em abril de 2024 fui selecionada para ser bolsista do projeto, a qual aceitei com grande alegria e entusiasmo pois a sala de aula sempre me agradou, apesar das dúvidas e receios que eu ainda tinha.

Ao preparar as aulas, foi necessário adotar métodos diferentes para cada turma, considerando suas dificuldades, o que demandou “repensar os papéis de professor-aluno e adaptar as metodologias de ensino de História ao contexto do aluno digital, acostumado com o ambiente dinâmico, criativo e colaborativo da internet” (BERGMANN, 2021, p. 3-4).

O foco principal foi integrar os conteúdos à tecnologia, entrando na realidade dos alunos para captar sua atenção. Assim, as atividades podem ser realizadas de forma eficaz, e “o uso das tecnologias móveis se torne um elemento potencializador da aprendizagem” (BERGMANN, 2021, p. 6), em vez de ser apenas um recurso reprimido. Um planejamento didático bem elaborado é essencial para isso.

Para o oitavo ano, foram apresentados slides sobre a Revolução Francesa, acompanhados de um jogo de “*O que/quem eu sou?*” e uma lista de exercícios elaborada pela bolsista. No nono ano, além do conteúdo no quadro, foram utilizados *slides*, um vídeo do *TikTok* sobre os antecedentes da Primeira Guerra Mundial e a criação de um *lapbook*, exposto nos corredores da escola. As atividades eram geralmente em grupo, e no nono ano, os alunos puderam usar o celular em sala para ajudar na elaboração dos trabalhos.

A escola solicitou oficinas sobre a História do Rio Grande do Sul, focando na Guerra dos Farrapos, para as turmas de segundo ano do ensino médio. A solicitação veio de uma professora de Geografia, preocupada com a preparação dos alunos para o Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE), devido ao conhecimento limitado que tinham sobre a história do estado. De acordo com Bittencourt, é fundamental abordar e ensinar a história local, pois isso “permite que os alunos compreendam seu entorno, reconhecendo o passado que se manifesta nos diversos ambientes de convivência” (BITTENCOURT, 2004, p. 168).

Relacionar a história com a cultura é essencial em Canguçu, um município que realiza festivais anuais para comemorar as culturas alemã, pomerana, negra e nativista gaúcha. No entanto, muitos alunos que participam desses eventos desconhecem as razões históricas por trás de sua criação e o impacto na sociedade local. Ao estudar a história regional, o professor se depara “às teorias que indicam que o lugar mais próximo seria um dos campos de articulação entre a necessidade de estudo de contextos diversos e a vida do

aluno” (CAINELLI, 2012, p. 174), o que aumenta a compreensão e a conexão dos alunos com a sociedade em que vivem.

Quando o conhecimento histórico não é compartilhado, ele não dialoga com os alunos, restringindo sua visão sobre a História. Ensinar história é, na verdade, “discutir evidências, levantar hipóteses, dialogar com os sujeitos, os tempos e espaços históricos” (CAINELLI, 2012, p. 179), ampliando o entendimento dos estudantes sobre seu papel no mundo.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

As oficinas ainda estão em desenvolvimento, indo até novembro deste ano, mas até o momento, são feitas várias discussões sobre atividades que podem ser inseridas no contexto da escola e dos estudantes, contudo posso afirmar que a experiência de estar na escola, propiciou-me como acadêmica de História (bacharelado) o contato com as questões do ensino aprendizagem de História e ressignificou minha formação pois percebi o quanto a sala de aula vai muito além da troca de conhecimento, mas sim, onde o contato com os alunos é um grande impacto social (tanto para discentes quanto docentes) e que cresço com cada interação.

Para setembro será criada uma nova oficina sobre Guerra dos Farrapos, juntando um pouco da história do Centro Tradicionalista Gaúcho presente em nosso estado e o seu papel no estado e, principalmente, em Canguçu. Aqui, será exposta a história da guerra civil e os seus impactos, bem como, as novas historiografias acerca do assunto. Também será discutido o episódio conhecido como o Cerco de Porongos e o motivo de ser pouco comentado na historiografia do nosso estado.

Por conseguinte, a bolsista também participa de reuniões, encontros e substitui algum professor quando necessário. A bolsista também acompanhará turmas ministradas pelas colegas de outras disciplinas, salientando que o conhecimento não é isolado.

Nas palavras de Ladislau Dowbor: “O professor deixa de ser um “lecionador” para ser um “organizador da aprendizagem”” (DOWBOR, 1998, p. 9), abordagem que deve valorizar a interação, a troca de experiências e a utilização de metodologias diversificadas que atendam às necessidades e interesses da escola e dos estudantes.

4. CONSIDERAÇÕES

O projeto promoveu uma troca de conhecimento entre docente e discente, utilizando diferentes abordagens no ensino de conteúdos históricos. A bolsista observou a importância de se conectar com os alunos por meio de gírias, materiais audiovisuais e conteúdos da internet, criando uma relação mais próxima com a turma, que estava sob a orientação de uma professora em formação.

Além disso, o uso de metodologias diversificadas aumentou a interação e o convívio entre bolsista e alunos, que foram separados de seus grupos habituais para realizar os trabalhos. O principal objetivo, que era aproximar a universidade da escola, está sendo concretizado em diversas atividades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGMANN, Juliana Cristina Faggion et al. Desafios práticos na formação docente para o uso de aplicativos como recursos educacionais. *Perspectiva*, v. 39, n. 1, p. 1-19, 2021. Acessado em 05 de julho de 2024. Link de acesso: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/66030>.

BITTENCOURT, C. M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

CAINELLI, Marlene. A escrita da história e os conteúdos ensinados na disciplina de história no ensino fundamental. *Educação e filosofia*, v. 26, n. 51, p. 163-184, 2012. Acessado em 05 de julho de 2024. Link de acesso: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1982-596x2012000100010&script=sci_abstract.

DARLING-HAMMOND, Linda. A importância da formação docente. *Cadernos Cenpec| Nova série*, v. 4, n. 2, 2015. Acessado em 05 de julho de 2024. Link de acesso: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/303>.

DOWBOR, Ladislau, 1998. A reprodução social: propostas para uma gestão descentralizada. Petrópolis: Vozes.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. *Instituto Paulo Freire*, v. 15, n. 1-18, p. 1, 2017. Acessado em 05 de julho de 2024. Link de acesso: http://www2.unifap.br/prosear/files/2023/06/arq20230615_Extensao_Universit-MoacirGadotti_fev2017.pdf.